

Ciências Sociais e Gentileza, outras palavras

Neusa Meirelles Costa

<http://lattes.cnpq.br/3972283083712292>

As Ciências Sociais, como se sabe, são, por definição, interdisciplinares, assim as questões tratadas em Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Economia e História remetem para uma problemática em comum: a da experiência de como vive, viveu ou seguirá vivendo a humanidade, considerando os vários recortes que situaram e organizaram os conjuntos populacionais do planeta ao longo do tempo e espaço.

Por decorrência, as ciências sociais têm, como marco fundante, o modelo social organizatório europeu, herança judaico cristã, e da formação econômica do capitalismo. Essa “raiz” de origem projeta nas ciências sociais algumas sombras: a do pensamento liberal, do iluminismo (especialmente a herança contratualista, e o normativíssimo jurídico); do racionalismo, cientificismo, da concepção androcêntrica de mundo, e obviamente, do eurocentrismo. Assim, viver é presenciar e participar dos efeitos da história, operando mudanças e preservação.

De sorte que, o modelo de sociedade em que se vive hoje, no século XXI, preserva valores e normas gerais de conduta adequadas ao modo de sobrevivência na economia capitalista (ou de consumo, ou de livre-iniciativa, ou competitiva), práticas adequadas à representação política, direitos e deveres, modos de comunicação, etc. Trata-se do modelo societário ou padrão societário contemporâneo. Embora engendrado ao longo das transformações sociais instaladas a partir do século XVIII, normas e práticas sociais correntes dos anos 1700 em diante ainda estão presentes na sociedade contemporânea.

O lastro dessas normas, por assim dizer “resistentes”, tem origens ainda mais antigas, no surgimento do capitalismo mercantil, portanto da burguesia, em contradição com a nobreza, do pensamento protestante em contradição com o universalismo católico papal. As relações conflituosas entre religiões, além das óbvias implicações políticas, também refletem confrontos entre concepções de verdade: a revelada, religiosa, versus a verdade racional, científica. Tais são as bases do que se pode denominar por “ordem social”, ou “ordem social burguesa.

Modelo societário e gentileza. Como são articuladas as práticas sociais que refletem gentileza no complexo das diretrizes do modelo societário contemporâneo, que é um intrincado tecido de caráter capitalista, universalista, tecnológico, e, portanto, racional? Haveria um certo nível de convergência entre, por exemplo, as práticas de corrupção e as de gentileza?

Essa reflexão implica um exercício sociológico, mas de acentuado caráter filosófico: examinar a contraposição de pares de padrões valorizados e desvalorizados no modelo social, dentre outros: razão e sentimento, impessoalidade e pessoalidade, individualismo e alteridade, igualdade de tratamento e tratamento preferencial, além de outros temas de reflexão filosófica instalados nos campos da ética e da estética.

É claro que gentileza deve se acomodar no espaço aberto pelo culto das celebridades, da esperteza, inovação, sucesso, um espaço em que o poder da imposição é mais facilmente aceito quando envolve vantagens e cortesias gentis.

Nesse espaço também é possível abrigar a frase clássica “gentileza gera gentileza”, na medida em que ela repõe, em outros termos, ideias enraizadas na tradição cultural, tais como, o princípio de que “é dando que se recebe”, em outra versão, ”todos colhem o que plantam”, ou ainda, a crença de ”quem semeia ventos, colhe tempestade’ enfim, versões diversas da “lei do retorno”.

Se o primeiro exemplo (é dando que se recebe) foi utilizado na esfera da política brasileira com finalidades nada adequadas, o princípio “todos colhem o que plantam” serve para exemplificar a justiça da “Lei do Retorno”.

Mas afinal, o que é gentileza?

Em princípio, uma dada estética para as relações individuais no convívio social, associada ao cavalheirismo medieval e à nobreza, sendo um exemplo emblemático a famosa regra: “ladies first”; uma prática que foi questionada pelas feministas de plantão nos anos 60, quando as mulheres descobriram que sabiam abrir portas, do elevador e do carro, puxar a cadeira para se sentar à mesa do restaurante, etc. É verdade que muitas dessas mulheres continuaram a receber salários mais baixos, a sofrer violência doméstica, assédio sexual nos empregos, etc. Embora,

elas tenham queimado sutiãs nos anos 60, foram adeptas dos bojos de espuma, elas próprias e suas netas se tornaram fãs do silicone.

Então gentileza seria um modo de indivíduos agirem em relação ao outro, uma estética relativa à prática social, sendo seu descumprimento um viés do masculino? Um traço especial das relações de gênero? A resposta afirmativa seria simplista, visto que gentil historicamente disse respeito ao masculino, ao cavalheirismo, e também aos heróis clássicos.

A cultura dos meios de comunicação, especialmente as novelas da televisão, criaram figuras femininas, de extração popular, em geral imigrantes, que primavam pelas gafes e descortesias. Assim, enquanto certo grau de grosseria fosse valorizado como atributo masculino, as gafes femininas eram consideradas “marcas de origem”, de pobreza e inadequação social.

Em síntese, todo exercício sociológico em torno do tema gentileza esbarra nas contradições do modelo societário contemporâneo em transformação rápida, abrindo um leque de possibilidades de exame, das quais duas são significativas e foram apontadas: gentileza no âmbito das relações de gênero, compreendendo a diversificação das práticas; gentileza no âmbito das relações entre gerações.

De modo geral, pode-se apontar que gentileza deve ser coerente com as práticas correntes, embora nem sempre gentileza coerente com o que é disposto pela norma, lembrando que corrupção também compreende cortesias e gentilezas. Por seu turno, parte significativa das práticas agressivas no trânsito decorrem de regras gentis que, embora previstas, não foram observadas; como o emprego das setas, diminuição ou aumento de velocidade.

Cidadania, Gentileza, Solidariedade. Três palavras do vocabulário político contemporâneo, que se impuseram com maior força, em meio à pandemia. Assim, a reflexão sociológica sobre gentileza deve considerá-las em conjunto, nas interrelações e contradições existentes.

Algumas linhas de pesquisa que podem ser indicadas devem levar em conta que, a referência ao espaço nacional, à sociedade brasileira, embora seja necessária, não pode ser restritiva, nem se limitar às práticas gentis de uma suposta classe média urbana “nacional”: exemplos relativamente recentes demonstram quão enganosa é essa falácia: basta lembrar a morte do garoto de Recife nos idos de 02 de junho de 2020. Em contrapartida, a Comunidade de

Paraisópolis demonstrou práticas de solidariedade, cidadania e de gentileza exemplares.

No Brasil, a imagem do policial já foi contaminada pelos exemplos frequentes de violência, racismo e formas distintas de preconceito, contudo essa projeção não afetou a imagem do bombeiro, igualmente um policial, mas que para a população, é gentil, confiável. Trata-se de um problema de pesquisa interessante, considerando que as práticas de solidariedade, gentileza e cidadania provavelmente são encontradas nos dois segmentos, e que o socorro à população em situações de emergência em geral vem do policial.

A pandemia da Covid-19 trouxe uma nova “realidade social”, oferecendo inúmeros aspectos significativos para pesquisa e reflexão sociológica, sobretudo recorrendo ao material disponível nos meios de comunicação, nas redes sociais, lives.

Uma última sugestão de pesquisa de interesse sociológico seria focalizar as relações geracionais em espaços significativos como educação e saúde, especialmente focalizando as normas de tratamento em curso, dentre elas a infantilização pelo diminutivo, o emprego do informal “você”. Nesses espaços, quais práticas revelam sentidos atuais para gentileza?